



**SOCIEDADE  
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

# **VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**

**19 a 22 Junho 2012**

**Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**

---

ÁREA TEMÁTICA: Questões contemporâneas de teoria e metodologia sociológicas I

---

**ORDEM DA INTERACÇÃO E CORPORA DE GRAVAÇÕES: A ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO COMO PARADIGMA TEÓRICO-METODOLÓGICO**

---

BINET, Michel

Mestre em Ciências Sociais e Doutorando em Antropologia

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)

[binetmichel@gmail.com](mailto:binetmichel@gmail.com)

---

MONTEIRO, David

Mestre em Ciências da Linguagem

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)

[davidtomasmonteiro@gmail.com](mailto:davidtomasmonteiro@gmail.com)



### Resumo

Gravar quem, onde, quando, como, para evidenciar e/ou demonstrar o quê? Qual é o valor descritivo e explicativo em sociologia de um corpus de gravações de interações verbais (Binet, 2011)? Qual é o lugar da teoria no trabalho de transcrição (Monteiro, 2011)? Quais são os fenómenos sociais observáveis e analisáveis num tal corpus (ten Have, 2005)? Como conciliar uma investigação de escala micro-analítica com a orientação holística da sociologia (Erickson, 2004; Cicourel, 2008; Binet, 2011)?

Surgida no quadro da sociologia americana, nos anos 60 do século XX, a análise da conversação (Sacks, 1992) pretende responder de forma argumentada a estas perguntas, apoiando-se para tal num já rico património de pesquisas empíricas, na origem de uma vasta literatura científica (Goodwin & Heritage, 1990). Na Europa, os linguístas foram os primeiros a abrir o seu campo investigativo aos contributos desta corrente interaccionista de filiação etnometodológica (Kerbrat-Orecchioni, 1990), o que acabou por travar, pelo menos até uma data recente, a difusão entre os sociólogos europeus de um corpo de teoria e de método susceptível de configurar um paradigma que renova e enriquece vários domínios de investigação sociológica (Rodrigues, 2001).

### Abstract

To record: who, where, when, how, and to demonstrate or make evidence of what? In sociology, what is the descriptive and explicative value of a spoken interaction corpus (Binet, 2011)? What is the place of theory in the transcription work (Monteiro, 2011)? Which are the social phenomena that are rendered observable and analyzable in such a corpus (ten Have, 2005)? How to conciliate a research that is made on a micro-analytical scale and the holistic orientation of sociology (Erickson, 2004; Cicourel, 2008; Binet, 2011)?

Having its origins in the american sociology of the 1960s, conversation analysis (Sacks, 1992) aims to give a sustained answer to these questions, taking on a rich estate of empirical research which has given origin to a wide scientific literature (Goodwin & Heritage, 1990). In Europe, linguists were the first to open their research to the contributions of this interactionistic current, ethnomethodological in its affiliation (Kerbrat-Orecchioni, 1990), which happened to lock, at least until recently, the diffusion among European sociologists of a theoretical and methodological body of work that is capable of configuring a paradigm that renews and enriches many domains of sociological research (Rodrigues, 2001).

Palavras-chave: análise da conversação; etnometodologia; interaccionismo; corpus

Keywords: conversation analysis; ethnomethdgy; interactionism; corpus

[ PAP0897 ]



## ***Introdução***

A análise da conversação (AC) foi fundada por três sociólogos da América do Norte: Erving Goffman, Harold Garfinkel e Harvey Sacks. Sem prejuízo das ligações por eles mantidas com outras disciplinas, entre as quais importa destacar a antropologia e a linguística, esta tripla afiliação ancora a análise da conversação no campo disciplinar da sociologia.

Ao atravessar o atlântico, forçoso é constatar que a AC se implementou principalmente na área disciplinar da linguística, permanecendo até hoje pouco conhecida pelos sociólogos e antropólogos europeus, situação que esperamos contribuir para alterar.

### ***Erving Goffman: as interações conversacionais numa comunidade como objecto de estudo sociológico***

A data de 1953 é o primeiro marco histórico a reter, ano da defesa da tese de doutoramento de Erving Goffman, *Communication Conduct in an Island Community*, na Universidade de Chicago.

Erving Goffman definiu a interacção conversacional como seu principal objecto de estudo:

*«The chief focus of attention of this study is conversational interaction among persons immediately present to one another».*

(Goffman, 1953, p. 115)

A tese de Goffman situa-se na articulação da etnografia e da micro-etnografia. Goffman realizou de 1949 a 1951 uma pesquisa de terreno de dozes meses numa ilha da Grã-Bretanha, povoada por uma comunidade agro-pastoril e piscatória de 12.000 habitantes, que, em muitos aspectos, formam entre si uma sociedade, precisa Goffman (1953, p. 13).

O objectivo de Goffman consistiu em proceder a um levantamento por observação “flutuante” e a uma observação intensiva de quadros de interacção face-a-face recorrentes na vida de uma pequena comunidade formando um contexto estável e passível de ser caracterizado, com base principalmente em informações recolhidas no decurso de uma pesquisa de terreno, por observação directa e conversas informais. Na introdução da tese, Goffman expõe a sua entrada no terreno e a sua prática da observação participante, que sofreu alterações sob a pressão das redefinições ao longo do tempo da sua relação com os inquiridos. No início, Goffman, identificado localmente como estudante interessado em retratar a vida económica da ilha, registava imediatamente por apontamentos escritos num caderno de notas comportamentos e trechos de interacção verbal observados, na presença dos interactantes. Passados alguns meses, esta atividade de registo escrito, incompatível com as relações entretanto construídas no terreno, passou a ser realizada fora da presença dos sujeitos, em momentos de isolamento, muitas vezes no final do dia. A separação temporal, de várias horas, da observação e do registo escrito daí decorrente é sinalizada por Goffman como uma fonte de dificuldades, à luz nomeadamente do seguinte principio orientando a sua metodologia: não é possível discriminar de antemão as interacções dignas de registo. À partida, todos os eventos interaccionalmente ordenados são dignos de registo. Sendo assim, o investigador é rapidamente confrontado com os limites da sua capacidade de registo memorial. O que leva Goffman a mencionar o possível recurso a técnicas auxiliares de registo (gravadores, câmaras ou grelhas de observação), opção que ele afasta, invocando, no texto de 1953, motivos «*sociais, económicos e técnicos*» (Goffman, 1953, p. 4).

Os registos escritos descrevem interacções face-a-face presenciadas por Goffman ao abrigo de estatutos de participação na vida local incompatíveis com relações formais de inquirição. Aceite como amigo e vizinho, a sua presença é “naturalizada” em termos que tornariam “estranha” a reactivação de uma identidade de inquiridor no decurso dos eventos interaccionais sob estudo. Mas isso não impediu Goffman de confirmar ou infirmar as suas interpretações de uma dada interacção conversando informalmente com parte ou a totalidade dos seus protagonistas, antes ou a seguir à sua ocorrência. Mais: Goffman, adoptando uma perspectiva que podemos hoje qualificar de etnometodológica, chama a atenção para a existência de mecanismos de

sinalização e correcção de erros de interpretação operando informalmente dentro das próprias interacções. O reforço da sua competência a interagir de um modo emicamente apropriado é apontado por Goffman como critério de validação das suas análises, administrado localmente pelos próprios interactantes.

Goffman define a sua pesquisa não como um estudo (etnográfico) de comunidade, mas, sim, como um estudo (micro-etnográfico), numa comunidade, de comportamentos de interacção cara a cara:

*«This is not a study of a community; it is a study that occurred, in a community (...).»*

(Goffman, 1953, p. 8)

Alertando o leitor contra a falsa impressão suscitada pela ordem da exposição textual, Goffman salienta o carácter indutivo da metodologia seguida na investigação: os conceitos emergem da análise dos factos observados no terreno.

*«(...) the beginning of each chapter is phrased in terms of a general discussion of particular communication concepts, and only later in each chapter are field data introduced. (...) In consequence, a false impression is sometimes given that the field data has been brought in as an afterthought, merely to illustrate concepts earlier arrived at. I should like to make it quite clear that the terms and concepts employed in this study came after and not before the facts».*

(Goffman, 1953, p. 9)

A importância e precedência acordada à pesquisa de terreno por um método indutivo, que desaconselha o recurso a teorias préconstruídas, é no entanto solidário de um método nomotético, interessado em evidenciar as regularidades e a ordem das interacções:

*«The framework of terms presented in this study was developed in order to identify regularities observed in the communication conduct of the islanders (...).»*

(Goffman, 1953, p. 9)

A comunicação ou, mais precisamente, a interacção conversacional, emerge como ordem social de escala situacional justificável em si mesma de um estudo sistemático (Goffman, 1953, p. 33).

*«As the study progressed, conversational interaction came to be seen as one species of social order».*

(Goffman, 1953, p. 1)

Alguns dos principais temas de pesquisa da obra de Goffman (comportamentos comunicativos e expressivos, decoro, tacto, situações sensíveis ou ofensivas, delimitação excludente e definição da situação, direitos e deveres de participação, focalização da atenção, aberturas, tomadas de turno, fórmulas e sinais de retorno do ouvinte, fechos, recursos seguros, saídas de quadro) emergem no decurso desta pesquisa de terreno que se situou na interface da etnografia e da micro-etnografia, ou seja, do estudo de comunidade e do estudo de quadros de interacção na comunidade. Goffman realça a relevância dos dados etnográficos referentes ao contexto social alargado da ilha para a análise dos comportamentos de interacção, posição ratificada por nós, como ponto de partida e ponto de regresso.

### ***Harold Garfinkel: os interactantes como etnometodólogos práticos***

As reflexões de Harold Garfinkel conducentes à etnometodologia enraízam-se numa discussão da questão da ordem social, apoiada numa releitura de Alfred Schütz, cruzada com a da obra de Émile Durkheim, que deu matéria a uma tese de doutoramento elaborada na Universidade de Harvard sob a orientação de Talcott Parsons, defendida em 1952.

A fenomenologia trata da constituição dos «fenómenos» pela consciência, reificados por ela como “reais” no próprio acto visando e operando a sua apreensão situada e intersubjectiva. Mas, como censurou Bourdieu (2002: 195), o corpo de ideias desta teoria da produção conjunta da consciência do mundo e do mundo por ela consciencializado e coisificado carece ainda de um corpo de observações empíricas que lhe confira um estatuto científico.

Harold Garfinkel «empiriciza» a fenomenologia, retraduzindo-a em instruções de pesquisa permitindo a localização de situações e de comportamentos que possibilitem a observação dos processos de microconstrução da ordem social (Barthélémy & Quéré, 2007, p. 21):

*«Ces recherches ont mis au point des méthodes qui ont permis de circonscrire un domaine de phénomènes sociologiques: les propriétés formelles des activités courantes en tant que réalisation organisationnelle pratique».*

(Garfinkel, 2007, p. 47)

Cada interactante produz acções que exibem o seu sentido, tornando-as localmente reconhecíveis como pertencentes a uma classe definida de acções típicas, não para os propósitos da investigação, mas, sim, para o bom desenrolar da interacção mediante a sua conformação a um padrão típico que potencia a sua correcta interpretação pelos seus parceiros de interacção (Sacks & Schegloff, 1973, p. 296; Sacks, 1992, p. 226; McHoul, 1999, p. 20; Schegloff, 2006, p. 87). A cunhagem de acções reconhecíveis é um processo activo de produção endógena da ordem da interacção. Garfinkel desloca o foco da análise, convertendo um problema de método do observador (como reconhecer o valor accional dos comportamentos observados?) num problema de método (ou *etnométodo*) de co-produção da interacção, problema atendido pelos seus participantes (como tornar reconhecível o valor accional do meu comportamento?), por meio de competências interaccionais e comunicativas a investigar.

Os falantes cunham enunciados accionalmente reconhecíveis por incorporação de pistas contextualizadoras pertencentes a um repertório comunicativo convencional (Gumperz, 1989a; 1989b).

As descrições não são exteriores, mas constitutivas das acções. Dito por outras palavras, as acções são activamente cunhadas como observáveis, descritíveis, relatáveis, analisáveis, intencionais, consequentes, justificáveis, numa palavra: racionais.

Esta racionalidade, reivindicada de dentro (e não atribuída de fora por um observador exterior) e incorporada numa prática ciosa da sua descritibilidade e justificabilidade, projecta e realiza uma ordem social que ordena a prática (Garfinkel, 2007, p. 95; Heritage, 1987, pp. 243–5).

### ***Harvey Sacks: a análise da conversação etnometodológica***

A escolha inicial de Goffman por Harvey Sacks como orientador da sua própria tese, *The Search for Help: No One to Turn To*, que virá a defender em 1966, formalizou uma relação de convergência e continuidade entre ambos, que as controvérsias entretanto surgidas (E. Schegloff, 1988) não apagam.

Convém reconhecer na *análise da conversação* (AC) de Harvey Sacks (1990; 1984a; 1984b) um *paradigma* completo, que não se reduz à aplicação de umas técnicas de análise destinadas a dados de um certo tipo. A AC é uma versão avançada do *interaccionismo*, que cumpriu e prolonga o *programa investigativo* da *etnometodologia* traçado pelo sociólogo Harold Garfinkel, integrando importantes contributos de Erving Goffman.

Considerado a esta luz, o comportamento local não é completamente determinado e sobresocializado por regras sociais pré-definidas, que o agente se limitaria a aplicar passivamente à maneira de um autómato telecontrolado (Wrong, 1961). A tese da incompletude das regras potencia o retorno do actor na agenda da investigação sociológica. Um actor situado, a quem compete agir em contextos inacabados, incompletamente definidos e regulamentados<sup>1</sup>.

Os etnometodólogos alertam contra o abuso da noção de "rotina" (Rawls, 2008, p. 705), que corre o risco de ocultar o «*trabalho continuo de adaptação, acerto e interpretação do significado e das prescrições da regra à situação actual*» (Wolf, 1979, p. 145), que só uma observação micro-etnográfica permite alcançar e descrever (Binet, 2010). Trabalho interactivo sem o qual «*(...) as regras sociais seriam "mudas"*» (Wolf, 1979, p. 163).

«*(...) a substantial number of ethnomethodological investigations carried out during the 1960s showed that a large and previously unsuspected range of contextual considerations could be invoked in constituting or modifying normal bureaucratic decisions or courses of action. Closely associated with this was the recognition that members of bureaucracies are not only able, but positively obliged, to invoke and interpret bureaucratic rules and procedures in ad hoc ways and that this, in turn, is an important source of discretionary power*».

(Heritage, 1987, p. 252)

«*A ordem social (...) não é uma "ordem encontrada", mas sim "realizada" [practical accomplishment]*».

(Wolf, 1979, p. 147)

Como qualquer paradigma, a AC *postula* a existência de um *mundo ordenado* que se propõe estudar. Privilegiando uma *escala de análise microscópica*, a AC promove uma abordagem *micro-construtivista* da ordem das interacções, que encara os seres humanos como produtores activos do mundo que edificam e habitam. Este co-ordenamento local do mundo social assenta em processos interactivos e métodos aplicados *in situ* pelos próprios interactantes (*etnométodos*), cujo comportamento observável revela *competências* multifacetadas que constituem o *objecto de investigação empírica* da AC.

A AC coloca à disposição dos investigadores uma *terminologia conceitual*, uma *matriz de questionamento*, *métodos de recolha de dados* e *técnicas de análise* dotados de uma elevada heurística, de um poder de descrição, análise e explicação das acções e interacções que já deu provas e resultados abundantes e consistentes.

A pesquisa de terreno é o método privilegiado para a análise da conversação etnometodológica: apenas dados comportamentais devidamente contextualizados recolhidos no terreno colocam ao alcance do analista o estudo da construção interactiva dos contextos de acção recíproca. É a observação naturalista de cunho etnográfico que habilita o etnometodólogo e o analista da conversação a proceder a uma abordagem microconstrutivista da ordem interaccional, que evidencia e detalha a organização metódica da alternância de vez (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1974), da sinalização e correcção de “problemas” (Sacks, Schegloff, & Jefferson, 1977), dos encadeamentos preferenciais (Robinson & Bolden, 2010), dos pares adjacentes ou “inter-actos” (Jacques, 1979, p. 203), da gestão ritual das faces (Brown & Levinson, 2009), das aberturas (Binet & Freitas, 2010) e dos fechos conversacionais, etc.:

«*This project is part of a program of work undertaken several years ago to explore the possibility of achieving a naturalistic observational discipline that could deal with the details of social action(s) rigorously, empirically, and formally*».

(Sacks & Schegloff, 1973, pp. 289–90)

### ***Uma metodologia qualitativa: do caso único ao corpus***

A metodologia qualitativa não aceita subordinar por completo o valor documental de um dado à sua integração num conjunto mais vasto de dados recolhidos com recurso a técnicas de amostragem (Suassuna, 2008, pp. 352–6).

A descrição detalhada<sup>ii</sup> de um dado único permite documentar a organização conjunta de uma dada acção realizada num contexto interaccional preciso (Boyer, 2002, p. 100). O alcance geral da análise de um caso único mantém-se indefinido. Não temos bases empíricas para generalizar com precisão os resultados da observação. Mas isso não invalida nem deve desencorajar o trabalho descritivo e analítico do investigador. Descreve-se uma possibilidade de organização de uma acção concertada de um certo tipo, atestada empiricamente no caso singular pertencente a uma cultura localmente observada. A riqueza da análise incidindo sobre um caso único (ou sobre cada caso de um corpus de casos múltiplos) é um aspecto decisivo da produtividade científica da investigação.

O facto de Malinowski (1963) se revelar incapaz de indicar se todas ou apenas uma parte precisamente quantificada (65 % ou 65,278%, por ex.) das canoas das Ilhas Trobriand eram construídas de acordo com as cadeias operatórias e as acções rituais por ele observadas no terreno não desqualifica o saber bem documentado que elaborou. Retomando um argumento de Garfinkel, não são percentagens e informações quantitativas deste teor mas sim as descrições documentadas do observador de terreno que melhor contribuem para habilitar o investigador a dominar e reproduzir em contexto real o “saber-fazer” dos interactantes.

A análise intensiva e qualitativa de um caso único pode servir de base ao planeamento de um corpus de casos múltiplos<sup>iii</sup>, que, mediante a aplicação de técnicas estatísticas, poderá reivindicar o estatuto de amostra representativa de um vasto universo, autorizando a quantificação de certas análises e a generalização precisa de parte dos resultados.

Tendo por objectivo a constituição de corpora (Baude, 2006), o investigador intencionaliza a sua observação, seleccionando terrenos a abrir susceptíveis de proporcionar a recolha de dados relevantes em ordem ao estudo de fenómenos precisos, procurando activamente contra-exemplos susceptíveis de refutar ou corrigir as suas construções teóricas, testando assim a sua validade e a sua solidez (Glaser & Strauss, 1995; Passeron, 1996; Coenen-Huther, 2003\*, p. 12)<sup>iv</sup>.

De acordo com Gadet (2000, p. 72), a tripla influência da etnometodologia, da etnografia da comunicação e da antropologia social induziu uma mudança de paradigma em sociolinguística, saliente nas redefinições da noção de *corpus* e das operações que regem a sua recolha. Dos macro-*corpora* que pelo seu volume e pela sua heterogeneidade possibilitam a medição de fenómenos de variação que evidenciam divisões sociais internas à comunidade falante (sociolinguística variacionista laboviana), os investigadores passaram a recolher micro-*corpora* cuja descrição intensiva documenta acções e tarefas efectuadas em quadros interaccionais precisos (paradigma interaccionista) (Boyer, 2002).

A abertura formal de terrenos seleccionados pela sua relevância, do ponto de vista de objectivos investigativos definidos com maior precisão, torna-se cada vez mais necessária por uma questão de produtividade da pesquisa de terreno. Convém no entanto lembrar que a abertura de terrenos para efeitos de gravação, ou, mais complicado ainda, de filmagem, não é uma tarefa fácil, o que constitui um travão à constituição de *corpora*. Com frequência, os pedidos de consentimento são recusados ou, simplesmente, deixados sem resposta. Os profissionais solicitados são por regra geral relutantes a expor-se, receando sujeitar o seu desempenho laboral a eventuais avaliações críticas. É preciso conquistar a confiança dos actores desafiados a participar (Binet & Sousa (de), 2011), dando garantias de protecção do seu anonimato e clarificando a atitude que preside ao estudo do seu trabalho.

Ao solicitar a entrada numa área profissional, num meio institucional, o investigador não se apresenta como portador de um saber que o autorize a avaliar e criticar de fora e numa atitude de pretensa superioridade o desempenho dos profissionais convidados a colaborar (Granja, 2008, p. 70). A atitude do investigador é oposta: de acordo com a perspectiva émica que define a etnometodologia, os profissionais são os peritos dos

seus próprios desempenhos, dotados de saberes e competências exercidas nos contextos interacionais constitutivos da sua profissão. *Habitus* incorporados nas práticas (Bourdieu, 1986) mais do que articulados em discursos (gerados em situação de entrevista, por exemplo), este capital de saberes e competências é passível de valorização e reconhecimento mediante o registo em contexto real das práticas profissionais. Plurais e reinventadas (Certeau (de), 1990; 1993) nos micro-terrenos do seu exercício, a riqueza das culturas profissionais é tornada observável pela malha descritiva e analítica da pesquisa micro-etnográfica, sob reserva de os próprios profissionais consentirem na gravação ou filmagem das suas actividades.

Estas dificuldades de abertura de terrenos condicionam fortemente a constituição dos *corpora*. Consequência: em muitos casos, os corpora são recolhidos não em conformidade com técnicas de amostragem mas sim conforme as oportunidades surgidas ou provocadas pelas diligências dos investigadores. Considerada à luz do *etos* de caçadores de dados trilhando um mundo de possibilidades limitadas, a capacidade dos investigadores para agarrar e tirar partido de oportunidades raras é determinante. Fazer de necessidade virtude é tanto mais fácil quando os investigadores operacionalizam abordagens teórico-metodológicos que os habilitam a apreciar o valor documental de dados já não únicos mas sim múltiplos, organizados em *corpora*.

Ao sublinhar o carácter “oportunístico” do seu *corpus*, o pesquisador, que conhece demasiado bem a força das restrições que actuam no mundo de pequenos mundos de entrada condicionada onde opera, não pretende desvalorizar os seus dados mas, bem pelo contrário, salientar o quão preciosos são.

Novos meios tecnológicos de registo, gravações e filmagens permitem a constituição de *corpora* de dados que capturam e documentam com riqueza de detalhes sem precedente o desenrolar sequencial de comportamentos interacionais. Este salto qualitativo no plano dos registos e da granularidade descritiva por eles tornada possível precipitou a emergência de um novo paradigma investigativo: a análise da conversação (Heritage, 1988, p. 131; (Goodwin & Heritage, 1990, p. 289). Emergente, este paradigma interacionista delimitou e quadriculou um espaço teórico-metodológico capaz de tirar proveito das novas possibilidades de registo proporcionadas pelo avanço tecnológico (que por si só não teria produzido esta revolução paradigmática).

A produção local, conjunta e metódica da ordem de cada interacção tornou-se um objecto empiricamente observável; e a análise da conversação fundada por Sacks, a abordagem dotada do poder de descrição e de análise que melhor se adequa à unidade de análise de escala interaccional recortada por Goffman e Garfinkel: as situações de co-presença.

### ***Roteiro de análise de um corpus de gravações: por onde começar?***

Entre as gravações ainda virgens de qualquer análise e a presunção de riqueza que motivou a sua recolha, existe um hiato considerável, que compete ao analista de reduzir, confiando na heurística do seu roteiro de análise.

No essencial, o grau de interesse de uma dada gravação em ordem ao estudo de um fenómeno preciso só é fixado *a posteriori*. O que explica a dificuldade de delinear de antemão um plano de análise selectiva.

As posições sustentadas por Harvey Sacks no seu breve e seminal texto intitulado *Notes on methodology* (1984) continuam a fazer autoridade.

A primeira destas posições consiste em postular que a ordem está presente em *tudo o lado* (Sacks, 1984a, pp. 22–3), o que leva a presumir que qualquer gravação de uma interacção conversacional é dotada de um elevado valor documental. Cada interacção de um tipo definido é ordenada de dentro como tal pelos interactantes que nele participaram. E isso sem excepção possível. Não há gravações desinteressantes. Cada uma documenta uma possibilidade de organização interaccional de um evento socialmente definido. Logo, qualquer uma serve perfeitamente para começar a análise do corpus:

A segunda posição defendida por Sacks é a seguinte: presumir o valor documental de cada gravação, sem no entanto especificar de antemão em que consiste este valor. Cada gravação tem de ser analisada sem pré-considerações acerca das observações e descobertas que daí resultarão:

*«When we start out with a piece of data, the question of what we are going to end up with, what kind of findings it will give, should not be a consideration. (...) Treating some actual conversation in an unmotivated way, that is, giving some consideration to whatever can be found in any particular conversation we happen to have our hands on, subjecting it to investigation in any direction that can be produced from it, can have strong payoffs».*

(Sacks, 1984a, p. 27)

As direcções de pesquisa não precedem mas sim emergem no decurso de uma análise não motivada por pré-considerações.

*«Another advantage of employing conversation analysis (...) is the emphasis on data-driven analysis in favour of a precategory approach».*

(Church, 2009, p. 35)

Este elogio da indução, hostil a qualquer pré-construção teórica da análise a desenvolver (Monteiro, 2011a; 2011b, p. 11), vai a par com uma forte ambição nomotética: a descrição densa e a análise detalhada de um acontecimento interaccional singular visam alcançar e evidenciar a co-produção metódica e procedimental da ordem, localmente observável.

*«(...) the locus of order here is not the individual (or some analytic version of the individual) nor any broadly formulated societal institution, but rather the procedural infrastructure of interaction, and, in particular, the practices of talking in conversation».*

(Schegloff, 1992, p. 1338)

Transcrever, anotar e analisar gravações de interações conversacionais é o terreno de eleição da análise da conversação (Binet, 2012). A formação inicial e avançada em análise da conversação assenta na prática da transcrição.

A transcrição não é uma actividade rotineira. O transcritor trabalha na qualidade de analista, deparando frequentemente com trechos de gravação passíveis de várias transcrições.

*«(...) uma transcrição não é um produto final, acabado, perfeito e que permanecerá [inalterado] ao longo do tempo».*

(Gago, 2002, p. 91)

### **A interligação e interpenetração de contextos e escalas: *The Micro-Macro Link* (Alexander, Giesen, Münch, & Smelser, 1987)**

A atomização inerente a estudos de casos perspectivados como fechados sobre si mesmos cedeu o lugar a uma etnografia multisituada atenta à integração dos quadros interaccionais em redes de acções e actores. Deirdre Boden analisa as ligações inter-institucionais sob a forma de uma matriz de acções e interacções organizadas em sequências (cadeias operatórias e carreiras institucionais).

«By producing a complex matrix of actions and interactions spun simultaneously and collaboratively, across time and space, actors create and recreate their organizations and the links between them (...)».

(Boden, 1994, p. 205)

Os atendimentos de acção social estudados pela nossa equipa são, à semelhança da consulta médica (Dodier, 1993), o quadro institucional de uma interacção local que rearticula ordens macro e microssociais, de-singularizando indivíduos mediante a sua categorização administrativa e normalização legal, e, singularizando medidas de política social por meio de diagnósticos e processos individualizantes. A análise da conversação permite proceder a um estudo detalhado da interpenetração local de contextos de várias escalas (Cicourel, 1992, 2008), questão sociológica fundamental.

São os próprios interactantes que, empenhados em co-ordenar o pequeno mundo da sua interacção, interligam o aqui e o agora da situação com estruturas sociais de escala maior.

### Em jeito de conclusão

A nossa exposição, apresentada no *VII Congresso Português de Sociologia*, enquadra em termos essencialmente teóricos e metodológicos as investigações empíricas desenvolvidas no seio da nossa equipa, o *Grupo de Investigação das Interações Discursivas* do *Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa* (GIID-CLUNL).

Este texto vale assim como introdução geral a uma produção científica cujos resultados serão divulgados em outros quadrantes (Binet & Monteiro, 2012). A nossa pretensão consistiu aqui em chamar a atenção para a relevância sociológica destas pesquisas, na expectativa de, no futuro, dinamizar trocas e partilhas em torno da análise da conversação, que contarão com uma participação crescente de investigadores da área disciplinar na origem desta abordagem analítica: a sociologia.

### Bibliografia

Alexander, J. C., Giesen, B., Münch, R., & Smelser, N. J. (Eds.). (1987). *The Micro-Macro Link*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

Amiel, P. (2004). *Ethnométhodologie appliquée. Éléments de sociologie praxéologique*. Paris: Presses du LEMA (Laboratoire d’Ethnométhodologie Appliquée - Université Paris 8).

Barthélémy, M., & Quéré, L. (2007). Présentation: L’argument ethnométhodologique. *Garfinkel, H., Recherches en ethnométhodologie* (pp. 9–44). Paris: PUF.

Baude, O. (Ed.). (2006). *Corpus oraux: Guide de bonnes pratiques*. Paris: CNRS / Presses Universitaires d’Orléans.

Binet, M. (2010). *Etnografia e Análise da Conversação: Convergências e Orientações de pesquisa* (Documento de Trabalho do GIID nº4). FCSH-UNL, Lisboa.

Binet, M. (2012). *A transcrição como teoria-em-reconstrução: a indução como prática metodológica* (Documento de Trabalho do GIID nº37). FCSH-UNL, Lisboa.

Binet, M., & Freitas, T. (2010). A ritualização das aberturas conversacionais: a “pergunta-dádiva” Está(s) bom? In T. Freitas (Ed.), *Estudos de Corpora. Da teoria à prática* (pp. 289–304). Lisboa: Colibri.

Binet, M., & Monteiro, D. (2012). Os saberes profissionais operantes nos locais de trabalho: atendimentos de Ação social em micro-análise (Poster). Presented at the VII Congresso Português de Sociologia (Sociedade, crise e reconfigurações | Universidade do Porto | 19-22 Junho 2012), Porto: Associação Portuguesa de Sociologia.

- Binet, M., & Sousa (de), I. (2011). Coparticipação e novos desenhos investigativos em Serviço Social: Insider/Outsider Team Research. *II Congresso Internacional de Serviço Social « Compromisso para uma nova geração »*. Lisboa: Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa da Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL).
- Boden, D. (1994). *The Business of Talk: Organizations in Action*. Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, P. (1986). Habitus, code et codification. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 64, 40–44.
- Bourdieu, P. (2002). *Esboço de uma teoria da prática, precedido de três estudos de etnologia Cabila*. Oeiras: Celta.
- Boyer, H. (2002). Sociolinguistique: faire corpus de toute(s) voix? *Mots. Les langages du politique*, 69, 97–102.
- Brown, P., & Levinson, S. C. (2009). *Politeness. Some universals in language use* (18th ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Certeau (de), M. (1990). *L'invention du quotidien: 1. Arts de faire*. Paris: Folio / Essais.
- Certeau (de), M. (1993). *La culture au pluriel* (3rd ed.). Paris: Folio / Essais.
- Church, A. (2009). *Preference Organisation and Peer Disputes: How Young Children Resolve Conflict*. Burlington: Ashgate.
- Cicourel, A. (1992). The interpenetration of communicative contexts: examples from medical encounters. In A. Duranti & C. Goodwin (Eds.), *Rethinking context. Language as an interactive phenomenon* (pp. 291–310). Cambridge: Cambridge University Press.
- Cicourel, A. (2008). Micro-processus et macro-structures: Notes sur l'articulation des différents niveaux d'analyse. *SociologieS*. Retrieved from <http://sociologies.revues.org/index2432.html#tocto1n3>
- Coenen-Huther, J. (2003). Le problème de la preuve en recherche sociologique qualitative. *Revue européenne des sciences sociales*, La preuve en sciences sociales, *XLI*(128), 63–74.
- Dodier, N. (1993). *L'expertise médicale. Essai de sociologie sur l'exercice du jugement*. Paris: Métailié.
- Gadet, F. (2000). Derrière les problèmes méthodologiques du recueil des données. In M. Bilger (Ed.), *Linguistique sur corpus* (pp. 59–77). Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan.
- Gago, P. C. (2002). Questões de transcrição em Análise da Conversa. *Veredas (UFJF)*, 6(2), 89–113.
- Garfinkel, H. (2007). *Recherches en ethnométhodologie*. Paris: PUF.
- Glaser, B. G., & Strauss, A. L. (1995). La production de la théorie à partir des données. *Enquête*, 1, 183–195.
- Goffman, E. (1953). *Communication Conduct in an Island Community* (Unpublished Ph.D. dissertation). University of Chicago, Chicago.
- Goodwin, C., & Heritage, J. (1990). Conversation Analysis. *Annual Review of Anthropology*, 19, 283–307.
- Granja, B. P. (2008). *Assistente social - Identidade e saber* (Tese (dir. Telmo Caria)). Universidade do Porto, Porto.
- Gumperz, J. (1989a). *Engager la conversation. Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*. Paris: Minuit.
- Gumperz, J. (1989b). *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*. Paris: L'Harmattan.
- Heritage, J. (1987). Ethnomethodology. In A. Giddens & J. Turner (Eds.), *Social Theory Today* (2nd ed., pp. 224–272). Cambridge: Polity Press.
- Heritage, J. (1988). Explanations as accounts: a conversation analytic perspective. In C. Antaki (Ed.), *Analysing Everyday Explanation: A Casebook of Methods* (pp. 127–144). Thousand Oaks: Sage.

- Jacques, F. (1979). *Dialogiques*. Paris: PUF.
- Malinowski, B. (1963). *Les Argonautes du Pacifique occidental*. Paris: Gallimard. Retrieved from [http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowsli/les\\_argonautes/argonautes\\_tdm.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowsli/les_argonautes/argonautes_tdm.html)
- McHoul, A. (1999). What are we doing when we analyse conversation? *Australian Journal of Communication*, 36(3), 15–21.
- Monteiro, D. (2011a). Pré-construções teóricas e método indutivo em análise da conversação. *Workshop Internacional “NÃO SE IMPORTA QUE EU GRAVE?” Ética e Metodologia da investigação sobre interações discursivas (GIID-CLUNL / ILTEC)*. Lisboa: FCSH-UNL.
- Monteiro, D. (2011b). *A organização sequencial de interações informais institucionalmente enquadradas. O caso do Atendimento de Acção Social* (Dissertação de Mestrado (dir. Adriano Duarte Rodrigues & Maria Isabel Gonçalves Tomás)). FCSH-UNL, Lisboa.
- Passeron, J.-C. (1995). L’espace mental de l’enquête (I): La transformation de l’information sur le monde dans les sciences sociales. *Enquête*, 1, 13–42.
- Passeron, J.-C. (1996). L’espace mental de l’enquête (II): L’interprétation et les chemins de la preuve. *Enquête*, 3, 89–126.
- Rawls, A. W. (2008). Harold Garfinkel, Ethnomethodology and Workplace Studies. *Organization Studies*, 29(05), 701–732.
- Robinson, J. D., & Bolden, G. B. (2010). Preference organization of sequence-initiating actions: The case of explicit account solicitations. *Discourse Studies*, 12(4), 501–533.
- Sacks, H. (1984a). Notes on methodology. In J. M. Atkinson & J. Heritage (Eds.), *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis* (pp. 21–27). Cambridge: Cambridge University Press / Maison des Sciences de l’Homme.
- Sacks, H. (1984b). On doing “being ordinary.” In J. M. Atkinson & J. Heritage (Eds.), *Structures of Social Action. Studies in Conversation Analysis* (pp. 413–42). Cambridge: Cambridge University Press / Maison des Sciences de l’Homme.
- Sacks, H. (1990). An initial investigation of the usability of conversational data for doing sociology (1972). In J. Coulter (Ed.), *Ethnomethodological sociology* (pp. 208–251). Aldershot UK: Edward Elgar.
- Sacks, H. (1992). *Lectures on Conversation (Vol. 1)* (Vol. 1). Oxford: Blackwell.
- Sacks, H., & Schegloff, E. (1973). Opening up Closings. *Semiotica*, VIII(4), 289–327.
- Sacks, H., Schegloff, E., & Jefferson, G. (1974). A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, 50(4), 696–735.
- Sacks, H., Schegloff, E., & Jefferson, G. (1977). The Preference for Self-Correction in the Organization of Repair in Conversation. *Language*, 53(2), 361–382.
- Schegloff, E. (1988). Goffman and the Analysis of Conversation. In P. Drew & A. Wootton (Eds.), *Erving Goffman. Exploring the Interaction Order* (pp. 89–135). Cambridge, UK: Polity Press.
- Schegloff, E. (1992). Repair After Next Turn: The Last Structurally Provided Defense of Intersubjectivity in Conversation. *The American Journal of Sociology*, 97(5), 1295–1345.
- Schegloff, E. (2006). Interaction: The infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted. In N. J. Enfield & S. C. Levinson (Eds.), *Roots of Human Sociality: Culture, cognition and interaction* (pp. 70–96). London: Berg.
- Suassuna, L. (2008). Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. *Perspectiva*, 26(1), 341–377.
- Wolf, M. (1979). *Sociologias de la vida cotidiana* (2nd ed.). Madrid: Cátedra.

Wrong, D. H. (1961). The Oversocialized Conception of Man in Modern Sociology. *American Sociological Review*, 26(2), 183–193.

Zimmerman, D. H. (1970). The Practicalities of Rule Use. In J. D. Douglas (Ed.), *Understanding everyday life: toward the reconstruction of sociological knowledge* (pp. 221–238). Chicago: Aldine.

---

<sup>i</sup> «On a more general level, it appears that the "competent use" of a given rule or a set of rules is founded upon members' practiced grasp of what particular actions are necessary on a given occasion to provide for the regular reproduction of a "normal" state of affairs. A feature of the member's grasp of his everyday affairs is his knowledge, gained by experience, of the typical but unpredictable occurrence of situational exigencies that threaten the production of desired outcomes» (Zimmerman, 1970, p. 237).

<sup>ii</sup> Descrição detalhada e minuciosa, nos antípodas da “interpretação inspirada” e do “essayisme” (Amiel, 2004, p. 70). «La véridicité sociologique suppose l'abdication laborieuse des plaisirs herméneutiques de l'interprétation "majorante"» (Passeron, 1996).

<sup>iii</sup> «Quelques cas peuvent suffire à créer le cadre théorique de nouvelles observations qui n'auraient pu être conceptualisées et ne pourraient être menées ou prolongées sans la découverte de ces « cas » privilégiés. La pure et simple possibilité de concevoir des « faits » nouveaux obligeant à constituer d'autres corpus est l'exemple même de l'acte théorique qui, dans une enquête empirique, transforme l'information en connaissance» (Passeron, 1995).

<sup>iv</sup> 2003\*: Paginação da edição on line( <http://ress.revues.org/380> ).